



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 18, n. 6, art. 2, p. 29-43, jun. 2021

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2021.18.6.2>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Diadorim

Profissão: Tatuadora – Mulheres Trabalhadoras em um Mundo (e Mercado) Eminentemente Masculino

Profession: Female Tattoo Artist - Workers in an Eminently Male World (and Market)

Renata Couto de Azevedo de Oliveira

Doutora em Administração de Empresas pela Universidade do Grande Rio

E-mail: renatacouto@yahoo.com

Renan Gomes Moura

Doutorado em Administração pela Universidade do Grande Rio

Mestre em Administração pela Universidade do Grande Rio

E-mail: renangmoura@gmail.com

Endereço: Renata Couto de Oliveira

Rua Benjamin Batista, 12/301, Jardim Botânico – Rio de Janeiro – RJ, CEP: 22.461-120. Brasil.

Endereço: Renan Gomes Moura

Rua Benedito da Silva Lomba, 890, Muqueca, Barra do Pirai/RJ, CEP. 27140290. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 20/04/2021. Última versão recebida em 05/05/2021. Aprovado em 06/05/2021.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Neste ensaio teórico discutimos questões referentes ao trabalho das mulheres tatuadoras. O mercado de tatuagem é eminentemente masculino, principalmente no Brasil. A discussão sobre o trabalho feminino torna-se relevante haja vista o recente aumento de mulheres atuando profissionalmente nesse mercado, seja como aprendizes, seja como tatuadoras. Apesar da ausência de estatísticas oficiais, estima-se com base em inúmeras matérias publicadas pelas mídias impressa e online que o número de tatuadoras e estúdios de tatuagem nos quais trabalham apenas mulheres aumentou no Brasil e tende a continuar crescendo nos próximos anos. Considera-se isso um reflexo do *Zeitgeist* brasileiro, ou seja, da conjuntura cultural e intelectual do momento atual, com reflexos mercadológicos e trabalhistas.

Palavras-chave: Mulher. Gênero. Tatuadora. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

In this essay we discuss issues related to the work of female tattoo artists. The tattoo market is mainly male, above all in Brazil. The discussion about women's work becomes relevant given the recent increase in the number of women working professionally in this market, either as apprentices or as tattoo artists. Despite the absence of official statistics, it is estimated based on numerous articles published in print and online media that the number of tattoo artists and tattoo studios in which only women work has increased in Brazil, and will continue to grow in the upcoming years. This is considered a reflection of the Brazilian *Zeitgeist*, that is, of the current cultural and intellectual situation, with market and labor reflexes.

Keywords: Woman. Gender. Female Tattoot Artist. Labour Market.

1 INTRODUÇÃO

O mercado da tatuagem sempre foi eminentemente masculino (THOMPSON, 2018), ou seja, marcado pela presença majoritária de homens atuando profissionalmente como proprietários e gerentes de estúdios de tatuagem, bem como tatuadores. Parte da “aura” masculina desse mercado decorre da associação com personagens de domínios tradicionalmente considerados masculinos, entre eles militares, motoqueiros e criminosos (DE MELLO, 2000; ROBERTS, 2012). Além da associação com subculturas consideradas masculinas, Thompson (2018) enxerga um vínculo entre as tatuagens e os denominados *blue collar workers*, profissionais que executam trabalhos manuais e gozam de menos privilégios e reconhecimento em oposição aos que se dedicam a trabalhos intelectuais, os *white collar workers* (GABRIEL, 2008, p.155), por exemplo, trabalhadores da construção civil, operadores de máquina, montadores e motoristas de caminhão. Isso caracterizaria o trabalho do tatuador como masculino e manual, sem que fossem necessárias qualificações intelectuais para o seu exercício.

Inúmeras transformações ocorrem nesse mercado ao longo do tempo, seja pela proliferação da tecnologia, desde o surgimento da primeira máquina elétrica de tatuagem, invenção atribuída a Samuel O’Reilly, por volta de 1890 (ADAMS, 2012), seja pela divulgação de normas de biossegurança, que hoje são cada vez mais observadas pelos profissionais e conhecidas entre os consumidores. A disponibilidade comercial de materiais e o aumento do número de tatuadores, bem como o impacto das redes sociais na divulgação de trabalhos e na captação de clientes também são fatores dignos de nota dentre aqueles que geraram mudanças. A presença de mulheres atuando como tatuadoras e aprendizes também merece destaque. Estúdios cuja equipe é formada exclusivamente por mulheres existem há algum tempo no Brasil: o Sampa Tattoo, por exemplo, foi fundado em 2015 (VEJA, 2015). Contudo, considerar como novidade a atuação das mulheres como tatuadoras é contribuir para o apagamento da história construída por diversas tatuadoras que há muito tempo lutam por reconhecimento e espaço nesse mercado de trabalho. Mifflin (2013) sugere que a relação entre mulheres e a profissão de tatuadora começa no Ocidente com as mulheres que se apresentavam nos circos, em feiras, em museus de curiosidades e outros eventos. Tatuadas por seus pais e maridos, algumas dessas mulheres, como Nora Hildebrandt, contavam relatos fantásticos e ficcionais em suas apresentações, alimentando o imaginário social da época (final do século XIX, mais precisamente 1882, segundo MIFFLIN, 2013, p.10). Por exemplo, a história de Nora versava sobre sua captura e tortura (incluindo aí a tatuagem) pelos índios

Sioux, sob comando do chefe Touro Sentando, para depois descobrir que se tornou órfã e ser salva pelo legendário coronel George Crook (MIFFLIN, 2013, p.10).

No começo do século XX, algumas dessas mulheres, normalmente casadas com tatuadores, começaram a aprender a tatuar. “Nessa profissão intensamente competitiva, os homens podiam ter suas mulheres como aprendizes visando impulsionar os negócios, sem o medo de perdê-las para estúdios concorrentes” (MIFFLIN, 2013, p.30). Em 1907 Maud Wagner, casada com o tatuador Gus Wagner, começou a trabalhar com a técnica de *hand-poke*, que consiste na inserção de tinta sob a pele feita com a ajuda de um instrumento no qual uma agulha é fixada. Maud Wagner foi a primeira mulher tatuadora conhecida na era moderna e assim como ela outras mulheres deixaram suas apresentações como artistas de circo e festivais de curiosidades para assumir o trabalho de tatuadora integralmente. A trajetória dessas profissionais faz parte da história da organização e das mudanças que culminaram com o que hoje convencionamos chamar de mercado de tatuagem. Esse mercado é ainda hoje muito fragmentado, com pouca coesão interna e regulação, o que impede seu crescimento na mesma proporção ou com o mesmo alcance que outras indústrias de modificação corporal, como a da cirurgia plástica (ADAMS, 2012, p.157). Ainda que o crescimento não se compare ao de outros mercados de modificação corporal, no Brasil o crescimento do mercado de tatuagem foi expressivo, atingindo 24,1% entre 2016 e 2017, segundo o SEBARE (INFOMONEY, 2018). Com a virada do milênio e suas novidades, como a internet e os *reality shows* sobre tatuagem, muitas tatuadoras não se sentiram mais obrigadas a tatuar como seus colegas do sexo masculino. Dois nomes se destacam nesse contexto: a holandesa Angeliqe Houtkamp e a norte-americana Kat von D. Ambas donas de seus próprios estúdios e com visual diferente dos estereótipos associados às tatuadoras nas décadas passadas, Houtkamp e von D expandiram sua atuação profissional, empreendendo em áreas que não guardam relação com o universo da tatuagem (von D participou de programas de TV e é dona de uma linha de maquiagem mundialmente famosa; Houtkamp é dona de seu próprio estúdio, atua também como modelo e comercializa diversos produtos licenciados com seus desenhos).

No lastro da renovação do movimento feminista (fala-se sobre uma quarta onda, depois da que data de 1990, segundo PEREZ; RICOLDI, 2018), muitas tatuadoras organizaram-se em estúdios nos quais trabalham apenas mulheres, como o SampaTattoo (SP), o Lady Luck (RJ) e o Artemis Ink (PR), segundo informa matéria do site Hypeness (2018). Novos discursos sobre espaços de trabalho inclusivos, tanto para as tatuadoras, quanto para os clientes, bem como o desejo de desenvolver uma carreira sólida, passaram a fazer parte do vernáculo das tatuadoras e figuram em entrevistas veiculadas pelas mídias contemporâneas. O

preconceito e a associação da profissão ao universo masculino seguem presentes, mas será que há algo de novo para essas trabalhadoras?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mulheres Em Profissões Socialmente Consideradas Masculinas

Quando pensamos sobre profissões e gênero, podemos argumentar que existem profissões que não podem ser consideradas “neutras”, ou seja, elas são atribuídas aos homens ou às mulheres, implícita ou explicitamente, levando-se em consideração que algumas formas de trabalho normalmente exigem características associadas à masculinidade ou feminilidade para sua execução (ALVESSON; BILLING, 2009). Nesse contexto, o mercado de trabalho, bem como as organizações, é dividido de acordo com o gênero (ALVESSON; BILLING, 2009; KERGOAT, 2009), ou seja, a maioria dos empregos é tipificada pelo sexo, definida como “masculinos” ou “femininos” e, portanto, vistos como naturais para os homens e mulheres (ALVESSON; BILLING, 2009; KERGOAT, 2009). A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo. Essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade e tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.) (KERGOAT, 2009).

Kergoat (1996) aponta que a divisão sexual do trabalho deixou enraizado que “naturalmente” existem trabalhos de homens e trabalho de mulheres, bem como a hierarquização do trabalho, ou seja, o trabalho do homem, em termos de capital, vale mais que o trabalho da mulher. Mesmo que mulheres tenham se inserido em profissões socialmente destinadas a homens isso não significou uma transformação das diferenças existentes entre eles no mundo do trabalho. Chies (2010) sugere que essa questão é tão marcante que se o termo identidade pudesse ser utilizado para determinadas profissões, grande parte delas ganhariam uma identidade de gênero masculino. O autor observa ainda que mesmo quando as mulheres se inserem e passam a ocupar profissões socialmente tidas como masculinas “não apenas pela sua construção histórica, mas muitas vezes pela demarcação de pré-requisitos tidos como masculinos (força, resistência e liderança), a força de trabalho dessas mulheres é concebida como inferior” (CHIES, 2010, p.511). Sendo assim, construir empregos como masculinos e femininos reproduz e reforça a ideia dos estereótipos e o status quo dos homens

(BILLING, 2011). Mediante esse contexto, as profissões socialmente masculinizadas exigem que aqueles que as exercem sejam capazes de ocultar os sofrimentos gerados e impostos pela organização do trabalho, pois sofrimentos como medo, compaixão, conflito moral e dúvida são imputados à feminilidade como uma marca “natural” da inferioridade (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009). Sendo assim, todos os indivíduos femininos que almejam uma trajetória profissional valorizada devem aderir às características associadas à virilidade, abdicando ou até mesmo desconstruindo suas feminilidades (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009; SANTOS; ANTUNES, 2013).

Os empregos que são socialmente tidos masculinos são altamente valorizados, recompensados socialmente e proporcionam aos trabalhadores desafio, entusiasmo e segurança, especialmente em comparação às trabalhadoras femininas que exercem a mesma função (THOMPSON, 2015). Os trabalhos masculinizados ocupam posições de superioridade e autoridade, estão associados ao poder e influenciam a atmosfera cultural, fazendo com que possa ser desconfortável ou desagradável para as mulheres atuar profissionalmente em tais searas, de acordo com Thompson (2015). A autora observa também que em ambientes assim o assédio às mulheres é comum, como maneira de testar sua resiliência em um ambiente hostil e masculinizado. Desde a década de 1970, as mulheres ingressam exponencialmente em profissões consideradas como não tradicionais. Apesar disso, o assédio e a discriminação não deixaram de ocorrer, principalmente em ambientes de trabalho tradicionalmente associados ao universo masculino.

É importante destacar que a relação da mulher com o universo da tatuagem, seja como tatuada, seja como tatuadora, sempre foi permeada por questões que dizem respeito a gênero, autodeterminação e estereótipos sociais. Até hoje mulheres tatuadas são “avaliadas” socialmente, dependendo do número de tatuagens que possuem, do desenho dessas tatuagens e da extensão que ocupam em seu corpo, o que sugere que o corpo feminino ainda é produzido discursivamente dentro de parâmetros socialmente estabelecidos. Por exemplo, tatuagens pequenas, delicadas e que não são visíveis em ambientes de trabalho, por exemplo, tendem a ser mais aceitas e até encaradas como símbolo de feminilidade, enquanto tatuagens em cores vibrantes e que cobrem extensas e visíveis áreas do corpo podem ser causa de rejeição em ambientes laborais. As tatuadoras parecem enfrentar duplamente o estigma social: primeiro, porque geralmente também são mulheres tatuadas; segundo, porque são mulheres trabalhando em ambientes masculinizados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Tatuadoras no mundo do trabalho

No âmbito da Administração, existem trabalhos que versam sobre aspectos simbólicos da tatuagem, conectando-a às questões identitárias (e.g.: OLIVEIRA; TROCOLI; ALTAF, 2012; OLIVEIRA; AYROSA, 2016) como também à esfera do trabalho, mais especificamente sobre a trajetória profissional no campo da tatuagem (e.g.: DELUCA, 2015). Muitos trabalhos também versam sobre a relação entre mulheres, seus corpos e tatuagem, como, por exemplo, Patterson e Elliott (2003), sobre as ansiedades enfrentadas pelas mulheres ostensivamente tatuadas em relação aos ideais de beleza tradicionais; e Patterson e Schroeder (2010), sobre como a pele (em especial, a feminina) desponta como uma abordagem relevante para as pesquisas sobre cultura de consumo. Apesar das inúmeras matérias em mídias diversas (sites, revistas, redes sociais) sobre como tatuadoras estão mudando o mercado de tatuagem e a estética dos estúdios, trabalhos acadêmicos sobre a mulher como profissional de tatuagem (ou seja, como tatuadora) não foram encontrados. Isso pode sinalizar que o trabalho de tatuador ainda é predominantemente encarado como um trabalho masculino. E, como consequência, tal silêncio revela a importância desta pesquisa, principalmente para esclarecer quais são os sentidos desse trabalho para a profissional de tatuagem.

É importante destacar que apesar do recente destaque midiático, as tatuadoras não são um fenômeno contemporâneo no mercado de tatuagem. O livro de Mifflin (2013) nos guia através da história das tatuadoras, demonstrando que essas profissionais enfrentaram questões similares às que outras mulheres, em outras searas, também vivenciaram: “questões de separatismo, competição e o tipo de determinismo biológico que sugere que uma mulher corre, joga ou desenha (como um tatuador homem descreveu o estilo de sua aprendiz) ‘como uma garota’”. Contudo, segundo afirma Mifflin (2013, p.7), a batalha por igualdade salarial foi a única que as tatuadoras não precisaram enfrentar.

Como visto na contextualização, o começo da trajetória profissional das mulheres tatuadoras foi associado à de seus maridos. Com eles, elas aprenderam o ofício e, ao longo do tempo, estabeleceram-se como donas de seus próprios negócios. Mildred Hull traçou uma rota diferente das demais, pois não desenvolveu seu trabalho em associação a nenhum homem (nem marido, nem namorado). Ao longo dos seus 25 anos de carreira, Hull foi tão respeitada quanto ridicularizada por seu sucesso e em uma declaração à *Foto Magazine*, reproduzida por Mifflin (2013, p.32) em seu livro, ela comenta:

Você sabe como homens são em qualquer negócio. Sempre meio ciumentos se uma mulher faz tão bem [o trabalho] quanto eles. Alguns dos tatuadores homens ao longo do Bowery estão diminuindo seus preços numa tentativa de me tirar do mercado, mas eu tenho bastante clientes de todo jeito – 14 ou 15 por dia. Eu acho que os homens gostam mais de ter uma mulher tatuando-os. Eles acham que uma mulher é mais cuidadosa. (MIFFLIN, 2013, p.32)

Hull foi pioneira em experimentar com a tatuagem para fins cosméticos (fez uma tatuagem que simulava cabelo em um homem careca) e também com tintas em cores próximas aos tons de pele na esperança de remover cicatrizes e marcas de nascença (MIFFLIN, 2013, p.33). A efervescência dos anos de 1960 e 1970 mudou a cena para as tatuadoras. Muitas delas ganharam destaque, como Vyvyn Lazonga, que começou sua carreira como aprendiz em Seattle, em 1976 e declarou que “os primeiros anos foram ótimos. Todo mundo pensava que era algo sem igual ter uma jovem mulher tatuando” (MIFFLIN, 2013, p.33). Contudo, Lazonga logo percebeu que tal contexto não era tão positivo ao ser preterida em promoções e forçada a usar máquinas de má qualidade, apesar de customizadas com pedras brilhosas pelo dono do estúdio. A própria Lazonga sugeriu que naquela época não entendia o movimento feminista, mas guardou rancor de todos os problemas que teve no ambiente de trabalho envolvendo preconceito e sexismo (MIFFLIN, 2013, p.33).

Questões relacionadas ao trabalho das tatuadoras e seu espaço no mercado indicam grandes mudanças ao longo das décadas. Ruth Marten, por exemplo, aprendeu sozinha a tatuar e atuou profissionalmente no final da década de 1970 em Nova Iorque, quando tatuar era ilegal na cidade (a ilegalidade perdurou entre 1961 e 1997). Sua clientela era majoritariamente de homens, gays e héteros, e ela acreditava que os homens preferiam ser tatuados por mulheres. Em 1977 May Haake, ex-aprendiz do tatuador Bert Grimm, abriu seu primeiro estúdio somente para mulheres (MIFFLIN, 2013, p.65). Nas décadas seguintes, muitas das tatuadoras entraram no mercado sozinhas, sem associações com namorados e maridos que fossem do meio (*idem*, p.66) e, segundo Mifflin (2013, p.68), sequer constituíam uma subcultura dentro da subcultura da tatuagem, nem mesmo estavam unidas em prol de uma causa ou estavam cientes da existência de outras tatuadoras. Ainda durante os anos de 1990 muitas das tatuadoras eram preteridas em prol de seus colegas homens, perdendo espaço como, por exemplo, juradas em concursos de tatuagem (descritos como “tendenciosos e degradantes”, sendo MIFFLIN, 2013, p.98), ou mesmo precisando expor seu corpo em roupas reveladoras para figurar nas páginas das revistas especializadas em tatuagem (e que divulgavam os profissionais da área, seus trabalhos e fornecedores), enquanto tatuadores homens eram fotografados completamente vestidos (MIFFLIN, 2013, p.97).

O mercado da tatuagem atualmente é constituído por muitas mulheres tatuadoras que são reconhecidas por seus pares e possuem uma clientela grande e fiel. Algumas reúnem-se em estúdios nos quais a equipe é formada apenas por mulheres, enquanto outras são donas de seus próprios estúdios, divulgando seu trabalho através das redes sociais (principalmente através do Instagram). Pegando carona no *Zeitgeist* pontuado pelos discursos emancipatórios, feministas e de resistência, algumas das tatuadoras criaram espaços comerciais com propostas inclusivas e não se privam da exposição e defesa de suas crenças publicamente. Um exemplo é o *Nice Tattoo Parlor*, citado em matéria do *New York Times* (2018), e descrito como “um estúdio com um time de tatuadoras que tem como missão tornar a experiência da tatuagem mais gentil para clientes e também para mulheres que tentam avançar em um negócio muitas vezes marcado pelo comportamento machista e pelo tratamento sexista” (NEW YORK TIMES, 2018).

Nesse cenário destaca-se a luta contra o assédio e a discriminação, que ainda são comuns e por vezes são apreendidos como “testes de sobrevivência” (THOMPSON, 2015). Araújo, Catrib e Lima (2019) observam que por conta disso as tatuadoras têm demonstrado solidariedade uma para com as outras, em busca de empoderamento, o que se reflete não só na elaboração da identidade profissional, bem como na do pessoal, com a sororidade exercendo papel de destaque. As autoras relatam ainda que uma das barreiras enfrentadas pelas tatuadoras consiste no reconhecimento de suas competências por seus pares e clientes, pois essas trabalhadoras sempre têm sua capacidade e profissionalismo questionados através de comparações que tomam por base seus pares masculinos (ARAÚJO; CATRIB; LIMA, 2019).

Thompson (2015) aponta que as mulheres que entram em um espaço de trabalho historicamente hiper-masculino acabam negociando as maneiras como se apresentam, pois podem encontrar barreiras para se estabelecerem, dentre as quais a discriminação exercida pelos próprios colegas masculinos no ambiente de trabalho. A autora observa ainda que o ambiente físico de trabalho no qual atuam os tatuadores também é masculinizado, porque a indústria da tatuagem foi construída como uma arena masculina e, portanto, fazendo com que tal ambiente reflita tal contexto. Nesses espaços a presença de tatuadoras pode criar dissonância, pois os corpos das mulheres tornam-se excessivamente visíveis e sexualizados, o que por vezes pode culminar em assédio e discriminação (THOMPSON, 2015). A atuação das mulheres como tatuadoras complica-se ainda pelo fato de a profissão não ser regulamentada no Brasil. Se isso já tem impacto para os tatuadores, acredita-se que afeta as tatuadoras duplamente: além de atuarem profissionalmente em um mercado associado ao universo

masculino, não existem meios formais, com fulcro nas leis trabalhistas, de combater a discriminação sexual no ambiente de trabalho (THOMPSON, 2015).

3.1 Tatuadoras Brasileiras

Ser tatuadora no Brasil parece ser muito desafiador para as mulheres que escolhem tal profissão. Há alguns estúdios que empregam apenas mulheres, como o Lady Luck Tattoo, primeiro estúdio brasileiro do gênero. Um estúdio cujo *staff* é composto apenas por mulheres não é apenas estratégia de marketing, mas um modo de combater a desigualdade de gênero no mercado de trabalho:

Sentimos na pele a desigualdade no mercado de trabalho, de forma geral, em relação à mulher. E, por isso, resolvemos criar uma empresa que nos valorizasse e colocasse a mulher em posição de destaque, não por atributos físicos, ou coisa semelhante, mas pela nossa qualidade, capacidade e profissionalismo. (LADY LUCK, 2020)

A matéria publicada no R7 Pop (2015) traz o exemplo do estúdio Sampa Tattoo, formado só por mulheres como resultado da ausência de incentivos para atuar profissionalmente e também da rejeição por seus pares. Uma das tatuadoras declara que um de seus colegas homens lhe disse que seu lugar era limpando chão e outra conta que um cliente, após ser tatuado, comentou que a tatuagem tinha ficado tão boa, que nem parecia ter sido feita por uma mulher. Samantha Sam, dona do Sampa Tattoo, destaca que muitas tatuadoras passavam pelo aprendizado, mas só conseguiam tatuar em casa ou indo até a casa do cliente, porque os estúdios não davam espaço. A tatuadora abriu também uma escola só para mulheres e as melhores alunas são convidadas a trabalhar no estúdio por um período pré-determinado.

Outra questão enfrentada por tatuadoras é o assédio sexual no ambiente de trabalho. Uma das tatuadoras que atualmente trabalha no Sampa Tattoo conta sobre o assédio sofrido por um colega homem:

Eu trabalhava em um estúdio com dois meninos [...] um dos tatuadores tentou me agarrar à força, aproveitando a oportunidade de estarmos sozinhos ali. Eu tive que pedir demissão por causa disso. Então, agora eu tenho a certeza que estou segura (R7 POP, 2015)

Os estúdios nos quais trabalham apenas mulheres buscam criar uma esfera amigável e livre de assédios para as mulheres que almejam tatuar e serem tatuadas. O assédio também é um problema para mulheres que buscam os serviços dos estúdios. O clima de sororidade fez

com que tatuadoras de Belo Horizonte criassem uma cartilha para ensinar às clientes mulheres como evitar o assédio sexual nos estúdios e denunciá-lo, caso ocorra, evitando assim que o agressor continue atuando profissionalmente (FRRRKGUYS, 2019). Outras iniciativas, como o Festival Mulheres Tatuadoras, criado por Lis Mainá, com o intuito de “quebrar o fluxo muitas vezes opressor do universo da tatuagem” (CATRACA LIVRE, 2019), sinalizam os desafios enfrentados pelas tatuadoras e as estratégias adotadas por elas para enfrentá-los.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante evidenciar que anterior à inserção das mulheres no mundo da tatuagem como profissionais, essas já eram estigmatizadas socialmente, caso possuíssem tatuagens em seus corpos. Diferente de seus pares masculinos, as mulheres tatuadas eram comumente vistas como anormais, atuando como atração circense ao lado de outras pessoas em shows de variedade (conhecidos como “*freak shows*”). Com o passar do tempo, as mulheres se inseriram como trabalhadoras na subcultura da tatuagem. Contudo, essa inserção não foi amistosa, uma vez que esse tipo de trabalho era tido como eminentemente masculino. Essa animosidade experimentada pelas tatuadoras está enraizada na divisão sexual do trabalho e mesmo que essas trabalhadoras rompessem barreiras sociais e profissionais, a animosidade persistia e persiste até hoje, através da discriminação sexual no ambiente de trabalho, do assédio dos pares e dos clientes, do descrédito em relação ao seu trabalho, por exemplo.

Segundo o sítio Find Tattoo (2018), as mulheres representam no Brasil cerca de 45% dos profissionais que trabalham com tatuagem. Apesar da crescente inserção nesse mercado e da organização em estúdios cuja equipe é formada apenas por mulheres, as tatuadoras ainda enfrentam o preconceito de seus pares e, por vezes, dos próprios clientes (Araújo et alli, 2019). Aos tradicionais estigmas associados à profissão de tatuador (marginalização dado à associação com subculturas como motoqueiros e criminosos, por exemplo; caráter de profissão “secundária”, o que a afasta de profissões reconhecidas como *white collar*), outros se somam quando uma mulher atua profissionalmente nesse universo (Araújo et alli., 2019, p.7): assédio praticado por clientes masculinos e questionamento da credibilidade do trabalho (Araújo et alli., 2019, pp.10-11) estão entre os problemas apontados pelas profissionais. Apesar de todas as mudanças que impulsionaram o mercado, inclusive a popularização da profissão de tatuador, as mulheres ainda sofrem discriminação dos pares e clientes. Isso sinaliza que, ao contrário do que o senso comum apregoa, o estigma vinculado à tatuagem e à

profissão de tatuador segue existindo e, ao que parece, ainda é mais acentuado no caso de mulheres que abraçam a tatuagem como profissão.

Dentre as novidades que podem trazer mudanças significativas para o trabalho das mulheres tatuadoras está a modificação do aprendizado da profissão. Tradicionalmente o aprendizado levava anos para ser concluído e tratava-se de uma função baseada em um vínculo de amizade, não trabalhista. O aprendizado não envolvia qualquer tipo de remuneração ou certificado. Atualmente muitos tatuadores e tatuadoras oferecem cursos “profissionalizantes”, mas sem qualquer formalização (certificados reconhecidos no mercado, por exemplo). Além de aulas de desenho, os candidatos a tatuador aprendem técnicas de biossegurança e passam por estágios em estúdios estabelecidos, geralmente com os tatuadores que ministraram o curso. Ainda não é possível avaliar o impacto desses cursos para as tatuadoras neófitas no mercado, mas muitos deles são ministrados por profissionais que já estão estabelecidas e viram uma janela de oportunidade para monetizar com base nas mudanças mercadológicas (por exemplo, o acesso facilitado às máquinas e materiais, que além de qualitativamente melhores, estão mais baratos). Acredita-se que tais cursos contribuem também para que mais mulheres se insiram profissionalmente com mais liberdade e facilidade, pois não precisam passar por aprendizados com tatuadores homens e em ambientes masculinizados, que oferecem os desafios apontados ao longo do texto.

Lembramos que muitas questões envolvendo mulheres tatuadoras podem ser mais comuns no Brasil do que em outros países, uma vez que no exterior a indústria se diversificou e muitos tatuadores se empenham em promover ambientes (estúdios) inclusivos, segundo Mifflin (2013, p.115). Por exemplo, a tatuadora Roxx, que trabalha em São Francisco desde a década de 1980, se vale de seu *background* e experiência enquanto “outsider” (ela é lésbica e mestiça, segundo MIFFLIN, 2013, p.115) para abraçar uma clientela mais ampla e diversificada. Ainda assim, nos sites visitados e com base nos relatos das tatuadoras brasileiras, predomina o discurso de união contra um ambiente de trabalho masculinizado, contra o estigma e contra práticas discriminatórias.

Dada a complexidade e o dinamismo do mercado de tatuagem, acredita-se que uma discussão aprofundada sobre as novidades e desafios que se apresentam à mulher tatuadora só será possível através de uma pesquisa que investigue em profundidade o fenômeno. Sugere-se, portanto, uma investigação qualitativa, interpretativa e com base em entrevistas em profundidade para apurar os desafios e demais questões que se apresentam para essas profissionais. Acredita-se que a análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 1992), por exemplo, pode ser uma forma interessante de analisar dados produzidos em pesquisas futuras,

dada a naturalização dos temas que cercam o fenômeno. Vislumbra-se o potencial uso de teorias feministas e *queer* na análise de dados futuramente produzidos. Deixa-se também como sugestão para pesquisas futuras compreender o sentido do trabalho para mulheres que atuam no ramo da tatuagem, bem como investigar o mercado da tatuagem como um mercado feito por homens e para homens. Outro tema interessante para pesquisa é o sistema de aprendizado no mercado de trabalho de tatuagem e como os cursos de formação de tatuadores impactaram esse sistema e o próprio mercado, para homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. Cleaning up the dirty work: professionalization and the management of stigma in the cosmetic surgery and tattoo industries. **Deviant Behavior**, v. 33, n. 3, p. 149-167, January 2012.
- ALVESSON, M; BILLING, Y. D. **Understanding Gender and Organizations**. London: Sage, 2009.
- ARAÚJO, R. A; CATRIB, I. C; LIMA, T. C. B. Arte na pele: construção da identidade profissional e estigma de mulheres na profissão tatuadora. In: EnANPAD, XLIII Encontro da ANPAD, São Paulo/SP, 2019, **Anais [...]**.
- BILLING, Y. D. Are Women in Management Victims of the Phantom of the Male Norm? **Gender, Work and Organization**. v. 18, n. 3, p. 298-317, January 2011.
- CATRACA LIVRE. **Evento reúne mulheres para tatuar, beber e trocar experiências**, 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/agenda/evento-reune-mulheres-para-tatuar-beber-e-trocar-experiencias/>. Acesso em: 04 jan, 2020.
- CHIES, P. V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, 507-528, maio-agosto, 2010.
- DE MELLO, M. **A Cultural History of the Modern Tattoo Community**. Durham, NC: Duke University Press, 2000.
- FAIRCLOGUH, N. **Discourse and Social Change**. Polity Press. Cambridge: UK, 1992.
- FIND TATTOO. **Saiba como mulheres tatuadoras estão ganhando cada vez mais espaço**, 2018 Disponível em: <https://findtattoo.com.br/inspiracao-para-tatuagem/saiba-como-mulheres-tatuadoras-estao-ganhando-cada-vez-mais-espaco/> . Acesso em: 21 de jan., 2020.
- FRRRK G. **É lançada cartilha para combater assédio sexual em estúdios e clínicas de piercing**, 2019. Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/e-lancada-cartilha-para-combater-assedio-sexual-em-estudios-e-clinicas-de-piercing/>. Acesso em: 20 de jan., 2020

GABRIEL, Y. **Organizing words: a critical thesaurus for social and organization studies.** Oxford, UK: Oxford University Press, 2008.

INFOMONEY. **Tatuagem cresce 24,1% nos últimos anos e tema geek é um dos mais procurados**, 2018. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/negocios/noticias-corporativas/noticia/7639985/tatuagem-cresce-241-nos-ultimos-anos-e-tema-geek-e-um-dos-mais-populares>>. Acesso em: 25 de ago., 2019.

KEGOART, D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Rergina. (orgs.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Helenè; KEOGART, Danièle (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. SP: Ed. UNESP, 2009, 67-75.

LADY LUCKY. **O primeiro estúdio feminino de tattoo e piercing do Brasil**. Disponível em: <http://www.ladylucktattoo.com.br/o-lady-luck/>. Acesso em: 21 de jan., 2020.

MIFFLIN, M. **Bodies of Subversion: A secret history of women and tattoo**. Brooklyn, New York: House Books, 2013.

MOLINIER, P; WELZER-LANG, D. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Helenè; KEOGART, Danièle (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. SP: Ed. UNESP, 2009, 101-106.

NEW YORK TIMES. **How women are rethinking the tattoo parlor**, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/02/28/style/women-tattoo-artists.html>. Acesso em: 15 de ago., 2019.

OLIVEIRA, M. J; TROCCOLI, I. R; ALTAF, J. G. Eu Estendido e Tatuagem: Um Aspecto Identitário no Comportamento do Consumidor. *Pensamento & Realidade*. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração-FEA**, 27(1), 98-117, 2012.

OLIVEIRA, R. C. A; AYROSA, E. A. T. O colecionador de tatuagens: consumo curatorial e identidade. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, 10, 110-123, 2016, 2016.

PEREZ, O. C; RICOLDI, A. M. A quarta onda do feminismo ? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. 2018; Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt08-27/11177-a-quarta-onda-do-feminismo-reflexoes-sobre-movimentos-feministas-contemporaneos/file>. Acesso em: 10 de jan., 2020.

R7 Pop. **Mulheres querem desabafar e acabam fazendo o estúdio de divã**, 2015. Disponível em: <https://diversao.r7.com/pop/estudio-de-tatuagem-so-de-mulheres-combate-o-machismo-com-arte-05122017>. Acesso em: 30 de jan., 2020.

ROBERTS, D. J. Secret ink: tattoo's place in contemporary culture. **The Journal of American Culture** 35(2): 153-65, 2012.

SANTOS, J. C. S; ANTUNES, E. D. Relações de Gêneros e liderança nas organizações: rumo a um estilo andrógino de gestão. **Gestão Contemporânea**, 10(14), 35-60, 2013.

SILVA, M. P; SIMÕES, J. M. O estudo do sentido do trabalho: contribuições e desafios para as organizações contemporâneas. **Revista Capital Científico – Eletrônica (RCCe)**, 13(3), 136-151, 2015.

TATTOOJÁ. **Aspectos legais dos estúdios de tatuagem**. Disponível em <https://www.tattooja.com.br/aspectos-legais-dos-estudios-de-tatuagem> . Acesso em janeiro de 2020.

THOMPSON, B. Y. **Covered in ink: Tattoos, women and the politics of the body**. NYU: Press, 2015.

_____. Women covered in ink: tattoo collecting as serious leisure. **International Journal of the Sociology of Leisure**, 1-15, 2018.

VEJA. **Sampa Tattoo é o primeiro estúdio de tatuagem formado apenas por profissionais do sexo feminino**, 2015. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/sampa-tattoo-estudio-tatuagem-sexo-feminino-mulheres/> . Acesso em: 22 de jan., 2020.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

OLIVEIRA, R. C; MOURA. R. G. Profissão: Tatuadora – Mulheres Trabalhadoras em um Mundo (e Mercado) Eminentemente Masculino. **Rev. FSA**, Teresina, v.18, n. 6, art. 2, p. 29-43, jun. 2021.

Contribuição dos Autores	R. C. Oliveira	R. G. Moura
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X